

MOBILIDADES, PRECARIIDADES E ESPAÇO COMPÓSITO:

ENTREVISTA COM RENATO MIGUEL DO CARMO

Diego E. Peralta

Guilherme Aderaldo

Em uma manhã fria de junho de 2023 no *lounge* do hotel Meliá na Avenida Paulista entrevistamos o sociólogo português Renato Miguel do Carmo, que, na ocasião, visitava São Paulo para participar como palestrante na 4ª Escola de Ciência Avançada em Mobilidades (SPMob23), organizada pelos grupos de pesquisa MTTM e MobTur³⁹, da USP, e pela UNIRIO. Renato do Carmo é investigador do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, onde desenvolve pesquisas sobre desigualdades sociais, mobilidades, transformações socioespaciais e precarização do trabalho. Ao longo das últimas décadas, sua produção vem articulando estudos rurais e urbanos, estudo das mobilidades e sociologia das desigualdades, construindo uma reflexão crítica sobre os modos pelos quais o espaço participa da produção e amplificação das assimetrias sociais.

Partindo inicialmente de investigações sobre a habitação operária precária na periferia industrial de Lisboa e, posteriormente, sobre as transformações rurais no Alentejo português, sua trajetória intelectual deslocou-se progressivamente para o estudo das mobilidades, das formas contemporâneas de precarização do trabalho e das novas dinâmicas migratórias no sul da Europa. Em suas pesquisas, a oposição rígida entre rural e urbano aparece constantemente problematizada por formas híbridas de circulação, habitação e reprodução social. Sua reflexão dialoga criticamente com autores centrais da teoria social do espaço e das mobilidades, como David Harvey, Manuel Castells e John Urry, especialmente em torno da crítica às concepções abstratas de “fluxo” e às narrativas despolitizadas da globalização contemporânea. Entre suas principais contribuições teóricas destaca-se a formulação da noção de “espaço compósito”, concebida como tentativa de apreender a coexistência conflitiva entre fluxos, fixos,

³⁹ O Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo (MobTur) é coordenado pelo Prof. Dr. Thiago Allis na EACH-USP. Para mais informações, acesse: <https://sites.usp.br/mobtur/>.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

escalas e fricções socioespaciais. Nesta entrevista, Renato Miguel do Carmo revisita algumas cenas de sua trajetória intelectual e discute as relações entre mobilidade e desigualdade, bem como os impactos subjetivos da precarização, as transformações contemporâneas do trabalho, as dinâmicas migratórias transnacionais e os desafios metodológicos colocados pela plataformização da vida social.

Para iniciarmos nossa conversa sobre sua trajetória e percurso de pesquisa, você poderia nos contar como sua biografia pessoal se conecta aos seus temas de interesse e, mais especificamente, a essa discussão sobre a fronteira rural-urbano, trabalho precário e as desigualdades espaciais?

Meu trabalho voltado aos estudos urbanos teve início ainda no mestrado, quando investiguei o que chamamos de pátios de habitação operária na margem sul da Área Metropolitana de Lisboa (Carmo, 1997). No contexto de uma industrialização tardia em Portugal — que se intensificou fortemente a partir das décadas de 1940 e 1950 —, esses pátios surgiram como habitações clandestinas e extremamente precárias. Pequenos burgueses que possuíam terras ou quintais nos fundos de suas residências perceberam que podiam extrair dali um rendimento extra construindo moradias improvisadas para acolher operários que vinham do campo e não tinham habitação. Embora a especulação imobiliária e os processos contemporâneos de gentrificação estejam extinguindo essas estruturas, muitas delas resistiram até o início dos anos 2000. Ali, a desigualdade social estava materializada e plasmada na própria configuração do espaço: na frente, a casa do pequeno burguês; atrás, em condições precárias e inicialmente sem água canalizada, o proletariado. Foi nesse momento que compreendi que o espaço e as dinâmicas socioespaciais não são neutros, mas atuam amplificando as desigualdades já existentes.

Posteriormente, minha tese de doutorado voltou-se para o Alentejo, uma região marcadamente rural, mas pontuada por cidades, caracterizada estruturalmente pelo latifúndio de forma muito próxima ao que se observa na Andaluzia (Carmo, 2005). Analisei as transformações ocorridas no território alentejano durante a segunda metade do século XX e realizei a revisitação de um povoado rural específico. Essa mesma aldeia

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

havia sido estudada trinta anos antes por um sociólogo português, Fausto Barros (Barros, 1986), que registrou a realidade local no período anterior à Revolução de 25 de Abril de 1974, também conhecida como Revolução dos Cravos⁴⁰. A partir desse caso, estudei o chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC) e a reforma agrária pós-revolução, marcada pela ocupação de grandes propriedades fundiárias e pela criação de cooperativas. O estudo de caso me permitiu fazer uma comparação temporal rica entre o sistema anterior à revolução e a realidade daquela comunidade no início dos anos 2000. Identifiquei que, embora a aldeia estivesse sofrendo com o despovoamento e a perda de sua população tradicional ligada à agricultura mecanizada, ocorria em paralelo um fenômeno de suburbanização. Uma classe média passava a residir ali atraída por habitações mais baratas e amplas, fazendo uso do automóvel para trabalhar, consumir e se movimentar em direção à cidade principal. Esse cenário rompeu com a imagem clássica do camponês tradicional e estático, demonstrando que o espaço rural sempre foi atravessado pelo movimento.

Em suas formulações teóricas, como no artigo "A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação", você critica as tipologias binárias clássicas das Ciências Sociais e propõe a mobilidade como chave analítica. Como fundamenta essa saída epistemológica?

As pessoas não vivem isoladas em caixas teóricas; elas habitam uma mistura e uma inter-relação permanente. As racionalidades binárias herdadas dos clássicos — como a oposição mecânica/orgânica — falham em captar essa complexidade (Durkheim, 1999). Minha própria origem familiar provém de pequenos e médios agricultores mais ao sul, e eu já trazia a percepção vivida de que o isolamento rural absoluto era uma construção teórica frágil. Historicamente, a introdução de veículos motorizados de duas rodas de produção nacional — as "motorizadas"⁴¹ — antes mesmo da massificação do automóvel, causou um impacto profundo no meio rural português. No Alentejo, onde a divisão sexual

⁴⁰ A **Revolução de 25 de Abril de 1974**, popularmente conhecida como "**Revolução dos Cravos**", foi um movimento social que simbolizou a **derrubada da ditadura do Estado Novo em Portugal**. O evento encerrou 48 anos de um regime autoritário iniciado em 1926 e consolidado por António de Oliveira Salazar.

⁴¹ No Brasil esse tipo de veículo é chamado de "motocicleta".

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

do trabalho era tradicionalmente muito acentuada e as mulheres ficavam severamente restritas ao espaço local cuidando dos filhos enquanto os homens saíam para o trabalho, as motorizadas baratas atuaram como um vetor de emancipação. Ela permitiu que as mulheres passassem a se deslocar de forma autônoma, ampliando suas possibilidades de emprego nas cidades, de consumo e de gestão da própria vida. A capacidade de mobilidade gera autonomia e alarga horizontes existenciais (Carmo, 2009a).

Portanto, não há um rural puro ou um urbano puro. Embora persistam especificidades evidentes e viver em uma aldeia continue sendo diferente de viver na cidade grande, precisamos ultrapassar os modelos dualistas. O ofício de sociólogo me ensinou a valorizar o processo de indução a partir do terreno, construindo referenciais e tipologias diretamente a partir do campo. Em uma investigação recente sobre trabalhadores precários, por exemplo, formulamos uma tipologia baseada em quatro grandes "regimes de precariedade" extraídos rigorosamente do conteúdo das entrevistas (Carmo *et al.*, 2021). Não se trata de negligenciar o pensamento abstrato, mas de compreender que os tipos ideais ganham força quando emergem do campo. Olhando para a história de Portugal, os arranjos familiares e a coletividade operária ilustram essa hibridização socioespacial: na década de 1970, com a industrialização difusa no noroeste e o avanço da construção civil, configurou-se um campesinato parcial. O homem frequentemente saía para trabalhar nas fábricas ou nos canteiros de obras urbanos — ausentando-se durante a semana ou mesmo migrando temporariamente para a Espanha para trabalhar na bolha imobiliária anterior à crise financeira —, enquanto a mulher, os pais ou os avós assumiam a gestão da exploração agrícola familiar no campo. A mobilidade intensa e permanente era o amálgama que sustentava a sobrevivência dessas famílias.

Avançando para suas pesquisas mais recentes, sua obra dá grande destaque à precarização do trabalho, especialmente entre os jovens. Como seu percurso pessoal cruzou-se com esse tema e de que maneira você analisa o papel que as narrativas de "empreendedorismo" e "auto-responsabilização" exercem na formulação de políticas públicas?

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Meu interesse pelas dinâmicas de precariedade estrutural consolidou-se ao estudar a classe trabalhadora vulnerável (Carmo *et al.*, 2023), mapeando o perfil das mulheres concentradas no setor de limpezas e dos homens na construção civil, mas foi fortemente acelerado pelo impacto da crise financeira em Portugal e por uma vivência pessoal dentro da própria academia. Percebi que a precarização havia se tornado um fenômeno transversal, atingindo duramente a minha própria geração de pesquisadores. Em Portugal, a investigação científica expandiu-se de forma gritante, porém, assentada no uso abusivo de bolsas de pesquisa e contratos parciais a termo. Eu mesmo vivi esse percurso sinuoso e tardio, conseguindo ingressar permanentemente em uma carreira acadêmica estável apenas em 2017. Esse cenário absurdo de precarização de jovens na Europa do Sul (como Portugal, Espanha e Grécia) despertou em mim uma atuação política e ativista, levando-me a participar da fundação de um partido de esquerda em um período de intensos protestos sociais. Posteriormente, ao assumir a coordenação do Observatório de Desigualdades⁴², ficou evidente que a precarização do trabalho é um dos motores centrais das assimetrias sociais contemporâneas.

Do ponto de vista ontológico e existencial, a precariedade gera uma percepção de incerteza que se torna permanente (Carmo; Matias, 2019). O trabalhador precário, seja um jovem em regime de *outsourcing* prestando serviços a um *call center* sem qualquer vínculo direto com a empresa, seja um pesquisador financiado por uma agência externa como a FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), atuando em uma universidade sem contrato laboral, vive sob o peso de saber que seu projeto ou rendimento terminará em poucos meses. Isso provoca uma "presentificação" excessiva do tempo: o sujeito é obrigado a gerir apenas o imediato e perde a capacidade básica de planejar o futuro. As narrativas dos jovens entrevistados revelam a angústia de viver o dia a dia, a impossibilidade de sair da casa dos pais ou de estruturar um plano de vida a médio prazo.

⁴² Trata-se de uma estrutura de pesquisa vinculada ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL). Para mais informações, acesse: <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/>

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A precarização afeta a subjetividade de forma profunda; ela retira do cidadão o direito ao futuro.

O paradoxo mais cruel desse cenário é a forma como o neoliberalismo e as próprias políticas públicas se apropriaram desse sofrimento estrutural, envelopando-o em uma retórica atrativa. Conceitos como "empreendedorismo" e "resiliência" são propagados de forma acrítica por instituições políticas e acadêmicas para vender a precariedade não como um problema, mas como uma "oportunidade" de autonomia, criatividade e inovação. Transfere-se integralmente para o indivíduo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso comercial. Sob essa ótica perversa, se o jovem não é bem-sucedido em um mercado instável, a culpa é atribuída à sua suposta falta de iniciativa ou de resiliência.

Diante desse cenário de incerteza ontológica e da difusão da racionalidade neoliberal que isola o indivíduo, você identifica um vínculo entre essa precarização e a recente ascensão da extrema-direita em Portugal?

A ascensão da extrema-direita é um fenômeno complexo, multidimensional e que não pode ser reduzido a uma única causa. Seria um erro analítico e simplista afirmar que o fato de um indivíduo estar em uma situação precária o empurra mecanicamente para o discurso extremista. O mal-estar que testemunhamos nas sociedades contemporâneas possui raízes diversas: alimenta-se da memória de crises anteriores, do desemprego, do empobrecimento gerado por políticas de austeridade fiscal e da percepção difusa da corrupção.

O que ocorre, fundamentalmente, é que a extrema-direita demonstra uma enorme eficácia em manipular e explorar politicamente esse sentimento profundo de ressentimento e injustiça. Há uma parcela expressiva da população que trabalha exaustivamente, mas percebe que seu salário está estagnado há dez anos, que precisa acumular dois empregos para fazer frente à inflação e que carece de qualquer progressão ou reconhecimento em sua carreira. Esse sentimento de "estar ficando para trás", que não afeta apenas os mais pobres, gera uma fratura psicológica que o discurso extremista

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

captura através de uma retórica hipersimplista. A estratégia consiste em desviar as causas estruturais e identificar bodes expiatórios claros: por um lado, os alvos externos, como os imigrantes, falsamente acusados de ocupar postos de trabalho e ameaçar a cultura local; por outro, os alvos internos, focando no combate moralista à corrupção do sistema político. Trata-se de uma réplica exata das narrativas bárbaras vistas na Itália ou na Hungria, que infelizmente encontram eco em cidadãos cansados do sistema e que precisam ser combatidas no plano político.

Expandindo a escala de análise, como suas investigações mais recentes sobre migrações transnacionais tocam os eixos da precariedade e das desigualdades sociais?

Investigar os regimes de mobilidade transnacional nos obriga a olhar para a complexidade das cadeias globais de trabalho e suas fricções locais. Analisamos isso em contextos geográficos muito distintos, como no caso da Suécia — onde a colheita tradicional de frutos silvestres nos bosques (*berries*), antes realizada por populações locais ou do Leste Europeu, passou a depender de fluxos sazonais de trabalhadores vindos de regiões específicas da Tailândia (Carmo; Hedberg, 2019); e no caso da agricultura intensiva e agroindústria de estufas e olivais extensivos no litoral alentejano, em Portugal, que atrai milhares de imigrantes do Sudeste Asiático, notadamente nepaleses (Pereira *et al.*, 2021). Um dado crucial que nossas pesquisas revelaram é que esses migrantes não pertencem às camadas mais miseráveis de seus países de origem. Os extremamente pobres não possuem recursos sequer para migrar; para conseguir chegar ao sul da Europa, esses trabalhadores precisam pagar quantias exorbitantes, que giram entre 8, 9 e 10 mil euros, a intermediários e atravessadores.

Ao chegarem ao destino, deparam-se com regimes severos de exploração laboral, salários baixíssimos e condições habitacionais indignas. Em Portugal, muitos são submetidos a viver amontoados em armazéns precários adaptados, enfrentando uma invisibilidade social que persistiu por muito tempo. Essa realidade só ganhou projeção no debate público pelos piores motivos durante a pandemia da COVID-19. A precariedade

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

habitacional facilitou a rápida disseminação do vírus entre essas comunidades, que também circulavam intensamente a pé entre diferentes explorações agrícolas em busca de trabalho diário. Quando o contágio aumentou nas regiões do sudoeste alentejano, o fenômeno emergiu na esfera pública de forma estigmatizada. Há aqui um paradoxo que desafia as políticas públicas: embora severamente exploradas e marginalizadas, essas populações de imigrantes trazem um impacto demográfico e econômico vital e positivo para territórios de baixa densidade que se encontravam em processo acelerado de desertificação e envelhecimento. Metodologicamente, realizar investigações com grupos em situação documental irregular e cercados de desconfiança exige estratégias complexas de mediação, o que contornamos em nosso projeto coordenando a pesquisa com o auxílio fundamental de assistentes de campo da própria comunidade nepalesa.

Para encerrarmos, gostaria de focar em uma categoria teórica central em sua produção: o conceito de "espaço compósito". Como você desenvolveu essa noção e de que forma ela se contrapõe aos diagnósticos sociológicos contemporâneos que reduzem a realidade global aos puros fluxos?

O conceito de espaço compósito foi formulado a partir desses estudos empíricos para demonstrar que as condições espaciais e a produção do território são fenômenos multidimensionais e complexos (Carmo, 2009b). Ele nasce como uma crítica firme a certos abusos analíticos decorrentes de leituras essencialistas ou mal digeridas de conceitos como a compressão tempo-espaço de David Harvey (1992). Um exemplo nítido desse abuso é a replicação acrítica da ideia de "não-lugar" (Augé, 1994), uma abordagem que hiperboliza os fluxos globais e apaga a persistência das fricções e dos fixos materiais. Mesmo um espaço de trânsito hiper-regulado, como um aeroporto, abriga em seu interior lugares densos, rotinas cotidianas e microrresistências. Da mesma forma, critico a dicotomia rígida proposta por Manuel Castells (1999) entre o "espaço de fluxos" e o "espaço de lugares". Ao isolar conceitualmente a lógica da rede global, essa narrativa acaba por relegar as classes desfavorecidas — aquelas que não detêm os instrumentos para protagonizar os fluxos — a uma condição puramente passiva, inerte e subalterna, como se estivessem totalmente desconectadas das dinâmicas globais.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A ideologia neoliberal glorifica o mito do "espaço plano". Trata-se da idealização de uma superfície globalizada e sem atritos, onde mercadorias, capitais e indivíduos cosmopolitas circulariam livremente com base em escolhas puramente individuais. Contraponho a essa abstração a imagem de um espaço de cordilheiras, um território enrugado por acidentes geográficos e sociais, marcado pelo choque e pela colisão violenta entre diferentes escalas. Quando a análise sociológica adere à ilusão do espaço plano, ocorre uma despolitização brutal do território. O espaço deixa de ser encarado como um problema estrutural e passa a ser visto como uma mera superfície inerte de circulação. Minha matriz teórica resgata uma concepção materialista e marxista da disputa pelo espaço, dialogando com as contribuições de Edward Soja (1989), Henri Lefebvre (1991) e o próprio Harvey (2001), mas rigorosamente sustentada pelo cruzamento de dados quantitativos de assimetrias regionais e indicadores de desigualdade socioespacial. Há um risco latente nos estudos contemporâneos sobre mobilidade de isolar os fluxos e a circulação, esquecendo que toda e qualquer mobilidade humana depende fundamentalmente de infraestruturas pesadas, de ancoradouros materiais e de fixos espaciais (Hannam; Sheller; Urry, 2006).

Essa complexidade nos impõe desafios imensos para o futuro da pesquisa científica. O avanço do capitalismo de plataforma e a plataformização do trabalho (como a uberização) estão transformando radicalmente a vida em metrópoles como São Paulo, reconfigurando os eixos do transporte, do emprego e do mercado de habitação. Não podemos nos deixar deslumbrar romanticamente pelo universo virtual, pela inteligência artificial ou por análises abstratas de algoritmos descoladas do território físico. É alarmante observar profissionais do campo da tecnologia utilizando o *big data* para realizar correlações estatísticas vazias, pretendendo fazer ciências sociais sem qualquer respaldo em quadros teóricos consistentes ou perícia metodológica qualitativa. Mapear essas transformações exige a consolidação de equipes multidisciplinares e a disposição real dos cientistas sociais de romper com seus próprios dogmas e paradigmas.

Lamentavelmente, o modo como o sistema científico global está organizado caminha na direção diametralmente oposta. O modelo atual incentiva a individualização

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

extrema, o sucesso individual de mercado, a hiperespecialização e a submissão a formatos rígidos voltados puramente para a produtividade numérica e métrica de resultados, esvaziando a substância do conhecimento. Espaços de interlocução como este, onde é permitido construir narrativas longas, exercitar o pensamento lento e passar horas refletindo coletivamente sobre o mesmo tema, tornaram-se raridades absolutas. Frente a essa engrenagem produtivista que sufoca a reflexão, a preservação e a construção de espaços alternativos de debate transformaram-se em uma autêntica e necessária forma de resistência e militância acadêmica.

REFERÊNCIAS

Augé, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade.

Campinas: Papirus, 1994.

Barros, Afonso de. **Do Latifundismo à Reforma Agrária**: O caso de uma Freguesia do Baixo Alentejo. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1986.

Carmo, Renato M. **A (des)construção do espaço**: Estudo compreensivo sobre os fundamentos e a forma do espaço social. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 1997.

Carmo, Renato M. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, n. 21, p. 252-280, jun., 2009a.

Carmo, Renato M. **Alentejo**: entre a urbanização e a marginalização. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Investigação e Estudos em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2005.

Carmo, Renato M. Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: Carmo, Renato M.; Simões, José Alberto (org.). **A produção das mobilidades**: redes, espacialidades e trajectos. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009b. p. 41-55.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Carmo, Renato M. *et al.* **O mundo do trabalho a partir de baixo**: Retratos e percursos. Lisboa: Mundos Sociais, 2023.

Carmo, Renato M. *et al.* **O trabalho aqui e agora**: Crises, percursos e vulnerabilidades. Lisboa: Tinta-da-China, 2021.

Carmo, Renato M.; Hedberg, Charlotta. Translocal mobility systems: Social inequalities and flows in the wild berry industry. **Geoforum**, v. 99, p. 102-110, fev., 2019.

Carmo, Renato M.; Matias, Ana Rita. As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 118, p. 53-78, maio, 2019.

Castells, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Durkheim, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Hannam, Kevin; Sheller, Mimi; Urry, John. Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings. **Mobilities**, v. 1, n. 1, p. 1-22, mar., 2006.

Harvey, David. **A condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

Harvey, David. **Spaces of capital**: Towards a critical geography. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

Lefebvre, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

Pereira, Cláudia *et al.* 'If you don't migrate, you're a nobody': Migration recruitment networks and experiences of Nepalese farm workers in Portugal. **Journal of Rural Studies**, v. 88, p. 500-509, dez., 2021.

Soja, Edward W. **Postmodern geographies**: the reassertion of space in critical social theory. London: Verso, 1989.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

SOBRE OS AUTORES

Diego E. Peralta

Graduado em Turismo e Mestre em Sociologia (PPGS-USP).
diego.peralta@usp.br

Guilherme Aderaldo

Professor Assistente Doutor no Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Câmpus de Marília.
guiade@ymail.com